

José de Mesquita
Da Academia Matogrossense de Letras

INVOCAÇÃO A JESUS

Revista de Cultura
Num. 146, 1939
Págs. 96 a 98
Diretor: Pe. Thomas Fontes
Redação: Rua do Catete, 160 – Rio de Janeiro

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

INVOCAÇÃO A JESUS

Chegamos — o mundo e eu — a uma idade de crise. Sentimos entrambos a angustia de uma hora decisiva, de uma hora, como talvez não tenha havido igual, nem haverá. Hora de crepúsculo, que pode ser alvorada ou noite definitiva: hora de transição para melhor ou para o irreparável: *hora única na vida*. O mundo e eu estacamos, indecisos, nesse vestíbulo de uma era nova, *ou, pelo menos diferente*. Será o começo de alguma cousa? Entre o receio de que seja o acabamento e a esperança de que possa ser a renascença de outra idade, paramos, na entreduída, o mundo e eu, penetrados do mesmo sentimento cósmico ou pessoal, universal ou subjectivo, mas de idêntico sentimento.

A ante-velhice nos chega, ao mesmo tempo, a ante-velhice que é o após-mocidade, e participa, de todo o saibo da virilidade e de todo o travor da idade madura. Tarde de em que luz o sol, como luzia de manhã, em céus de beleza incomparável (o céu poente é, sem duvida, o mais bello. . .); outono que participa do esplendor magnífico do verão e do aconchego e recolhimento do inverno; momento psychico em que se fundem, numa só emoção, o amor e a saudade, porque o amor ainda existe, apenas mais amplo, pantheizado, despersonalizado quase, e a saudade já começa a fazer do passado *uma realidade*, tanto maior quanto menos preciso se vae tornando aos nossos olhos o futuro . . .

E é nesta hora doce e amarga, de incerteza e de enleio, que comparte dos mysterios do adollescere (uma é a entrada e a outra a sahida do tunnel) que nós, descrentes de tudo, desilludidos de tudo, desesperançados de tudo, appellamos, do fundo da nossa miséria e da nossa maldade, para quem, Único e sem Par, nos pode orientar e salvar. Só Tu, Jesus, tens palavras que valem, neste momento sombrio de Gethsemani, palavras

que nos podem abrir novos horizontes, quando vemos — o mundo e eu — se fecharem, num céu plúmbeo, baixo e oppressivo, todos os outros horizontes, não só os da matéria, mas ainda e, infelizmente, até os do espírito.

Só Tu, Jesus, podes vir em socorro meu do mundo e comprehender a ânsia desmedida que enche o coração immenso da humanidade soffredora e este meu pobre, pequenino e torturado coração.

Da minha mesa de trabalho, em que escrevo, á fruxa luz dum pallido amanhecer, vejo-te a figura impressiva e admirável, que domina, sozinha, toda a História dos homens sobre a terra, e domina, incontrastavelmente, pois que deus nenhum, dos que os homens crearam, nem homem nenhum, de quantos Deus haja creado, poderá jamais merecer beijar o pó das tuas sandálias . . . Vejo-te em duas gravuras clássicas em que a arte tentou fixar dois instantes da tua rápida passagem pela terra, duas allegorias que são, no instante que corre, dois symbolos inigualáveis . . .

Representa um, na parede fronteira, e em ponto grande, a scena do poço de Jacob, quando falavas á Samaritana. O outro, pequena redução, sobre a mesa, é o quadro da parábola suave do Bom Pastor. Nessas duas estampas vejo, viva, flagrante e realista, a solução da crise por que passamos, o mundo e eu. As tuas palavras á Photina e a tua attitude no guiar as ovelhas escolhidas, indicam tudo, dizem tudo, valem pelo melhor programma de salvação. Para que mais? Não há mister procurar fora de Ti, aquillo que em Ti se achou. Porque Tu és, como Tu mesmo o disseste, o Caminho, a Verdade e a Vida.

Ao pé da cisterna, junto á herdade de José, vejo-te enquadrado numa paisagem caracteristicamente bíblica, fechada ao fundo pelo esguio perfil dos sycomoros, sentado e tendo ao teu lado, em pé, a linda peccadora que a tua palavra converteu. «Aquelle que beber da água que eu lhe der, para sempre não terá sede» — disseste-lhe em resposta ás suas objecções de incrédula e mundana. E abriste, diante do pismo

INVOCACÃO A JESUS

daquella creatura, o mysterio da sua vida e a tragédia do seu destino, que são, ao cabo e no fundo, o mysterio de todas as vidas e a tragédia de todos os destinos.

E ella salvou-se, porque acreditou em Ti.

No quadrinho que tenho junto de mim, na própria secretaria em que vou escrevendo, Tu me appareces na meiga tarefa do pegureiro desvelado, guiando a tua grei, num gesto da mão amável e paterna, para o aprisco seguro, ali imaginado, ao fundo, pela Igreja de Roma, com o seu zimbório de ouro que encima a incisiva legenda: — *ubi Petrus ibi Ecclesia*.

E o armento, varias dezenas de anhos brancos, de todos os portes e idades, vai seguindo, impellido suavemente através da planura sem fim, rumo ao redil abençoado que o há de abrigar e salvar . . .

Como eu vejo, nitidamente, nessas duas gravuras, a solução das incógnitas perturbadoras por que suspira, desvairada e sem norte, a alma contemporânea! Nos todos, como a rapariga de Sichar, precisamos beber daquela água viva que mana das fontes do teu amor. Nós todos fazemos parte desse rebanho espiritual que só Tu podes e sabes conduzir. E porque não nos dessedentamos naquelle manancial e porque recusamos seguir a via a que nos compelle o teu cajado de Pastor e Amigo — é que o mundo e eu vivemos esta hora de incerteza e de dúvida, de drama e de negações. Nós queremos doravante te seguir, nós queremos beber da tua água «que salta para a vida eterna».

Não queremos, porem, o Jesus desfigurado de Renan e de Strauss, nem mesmo o Jesus romantizado de Chateaubriand e Lamennais — queremos, sim, o Jesus vivo e omnipresente dos Evangelhos, único Deus que *vive realmente*, na sua Eucharistia, e que prega a Bondade sem reservas, a Irmandade humana (já que a palavra fraternidade se desmoralizou tanto depois de 1789), a Pureza e o Perdão, e que ensina ser o padecimento necessário, como um resgate e uma purificação, e diz ao Pobre, sem esperança na terra, que a sua pobreza é uma predestinação para o céu . . .

JOSÉ DE MESQUITA

Na hora torva da Satan, que accende os fachos da rebellião dentro e fora de nós — rebellião do espírito, rebellião da carne, rebellião das massas — volveremos para o teu regaço, Rei eterno e indefectível Juiz, que hás de salvar os que em Ti ainda confiam e esperam sinceramente, porque és o Único que não mente, como os deuses falsos, e os Gogs e Magogs de todos os tempo e lugares . . .

Jesus, dá que te encontremos no caminho cheio de abrolhos cruéis e encruzilhadas perigosas. Dá que te ouçamos no meio do tumulto das nossas paixões e das falácias do século. Dá que te possamos reconhecer, ó Jesus, como única e insubstituível fonte da água da vida. Guia-nos. Esclarece-nos. Vivifica-nos.

JOSÉ DE MESQUITA